

Produção do Algodão: uma Descrição das Práticas Agroecológicas Adotadas no Assentamento Queimadas no Município Remígio - PB

Cotton Production: a Description of the Adopted Agro-Ecological Practices at Queimadas Vicinity in the City of Remígio - PB

LOURENÇO, Joaquim Carlos. UFPB, carlosadm2006@gmail.com; LIMA, César Emanuel Barbosa de. UFPB, cesarlimma@uol.com.br; ESCOREL, Danielly Cristina da Rocha. UFPB, dany_escorel@hotmail.com; CRUZ, Elaine Cristina Dantas da. UFPB, elainecruz@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo descrever as principais práticas agroecológicas utilizadas no cultivo do algodão colorido no Assentamento Queimadas (Remígio – PB - Brasil) por meio de pesquisa bibliográfica e entrevista estruturada com agentes responsáveis pelo Assentamento ambiente da pesquisa. As técnicas utilizadas no combate às pragas são todas agroecologicamente corretas, razão pela qual, a produção tem certificação orgânica pelo instituto Biodinâmico (IBD). Logo, as famílias do assentamento são capazes de manter-se sustentável.

Palavras-chave: Manejo agroecológico, Comercialização antecipada, Geração de emprego.

Abstract

The present work intended to describe the main agro-ecological practices used in the colored cotton culture in Queimadas vicinity (Remígio – PB - Brazil), it was used a bibliographical research and structured interviews applied to the responsible agents in the place where the research was accomplished. The techniques used in plagues combat are all correct under the aspects of agro-ecology and that is why the production has achieved an IBD organic certification. Soon, the families at the vicinity will be able to auto-sustain themselves.

Keywords: Agro-ecological handling, Anticipated commercialization, Job Generation.

Introdução

O algodão (*Gossypium sp.*) é uma das mais importantes culturas em valor econômico do país, e seu cultivo tem grande importância sócio-econômica pelo grande número de empregos gerados para a economia brasileira. Na região nordeste esta cultura foi, durante muito tempo, a principal atividade geradora de renda, chegando a ocupar direta e indiretamente, quase metade da população economicamente ativa do campo. Contudo, com o aparecimento do bicudo (*Anthonomus grandis*) no Brasil, a partir de meados dos anos 80, e a política de abertura do mercado a produtos têxteis externos do Governo Federal, também contribuiu para inviabilizar economicamente a cultura; a produção entrou em declínio e arrasou a economia de toda região.

Só a partir do final dos anos 90, com a recuperação da economia brasileira, houve o aquecimento de consumo do mercado interno estimulando as indústrias têxteis a voltar a produzir em larga escala, aumentando o consumo de fios de algodão e, conseqüentemente, o uso intensivo deste recurso primário - algodão, que é a matéria prima principal. Assim, o cultivo desta planta volta a ser como no passado, atrativo e gerador de emprego e renda. Por conseguinte, a migração da cultura para novas áreas, transformou os cerrados brasileiros, especialmente no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Oeste da Bahia, nas novas fronteiras agrícolas do país na produção de *Gossypium sp.*

O cultivo de algodão (*Gossypium hirsutum L.*) em bases agroecológicas, iniciado em Tauá, no semi-árido do estado do Ceará, nos anos 90, estendeu-se para os municípios de Choró, Quixadá

e Massapé. É uma prática que associa, em seus objetivos, a geração de renda, a melhoria da qualidade do solo, a diversificação da oferta de alimentos saudáveis e o desenvolvimento de uma consciência ecológica entre famílias que dela participam (LIMA, 2005). De acordo com a Associação a serviços e projetos em agricultura alternativa (ASSOCIAÇÃO..., [2008]) a produção de algodão agroecológico no Nordeste inseriu o Brasil nas estatísticas mundiais do mercado de Algodão Orgânico. Em 2006 a produção foi de 36 toneladas de algodão em rama colhida por 304 agricultores familiares, atingindo em 2008, 154 toneladas produzidas por 470 famílias.

Atualmente, com a conscientização global de preservação do meio ambiente, escassez de petróleo (fibras sintéticas) e a crescente demanda por produtos naturais tem aumentado o interesse de indústrias na produção de têxteis orgânicos, principalmente aqueles que empregam o algodão orgânico e agroecológico como matéria-prima nas suas produções. Isto exposto, de acordo com Costa (2007) a demanda é maior que a oferta do produto. Logo, o objetivo desse trabalho é descrever as práticas agroecológicas utilizadas na produção do algodão no Assentamento Queimadas município de Remígio - PB.

Metodologia

Este trabalho caracteriza-se pelo método de estudo de caso do tipo descritivo. Para Gil (1999) o estudo de caso tem como objetivo, proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são influenciados por ele. O tipo de pesquisa descritiva, segundo Marconi e Lakatos (2002), tem o objetivo de simples descrição de um fenômeno.

Ainda de acordo com o pensamento de Gil (1999), as pesquisas do tipo descritivas objetivam além de descrever os fenômenos, estabelecer relações entre variáveis, analisando as características de um grupo. Os dados foram coletados de fontes secundárias, através de informações contidas em revistas especializadas, artigos de periódicos científicos, folhetos de entidades de pesquisa e em portais da internet, bem como via entrevista estruturada com um agente responsável pelo Assentamento ambiente da pesquisa. Para tanto, o processo de investigação se deu nos meses de maio e junho de 2009.

Resultados e discussões

O agronegócio do algodão no Brasil tem dado sinais de avanços nos últimos anos. Sobre tudo, em função dos investimentos em pesquisas, incentivos fiscais e ao profissionalismo de grandes produtores. A partir da análise dos dados básicos publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) podemos constatar a expressividade na recuperação da cotonicultura brasileira, evidenciada com o aumento do rendimento médio do algodão em caroço que passou de 1.073 kg/ha em 1990/91 para 3.628 kg/ha em 2005/2006, os maiores registrados para algodão de sequeiro no mundo. Em pouco mais de uma década a cultura consolidou-se na agricultura dos cerrados brasileiros, especialmente das regiões Centro Oeste e Oeste da Bahia (INSTITUTO..., 2006).

Novas cultivares foram desenvolvidas para a implantação do algodão colorido no semi-árido do Nordeste com valorização da produção artesanal, orgânica e familiar. Os resultados colhidos foram significativos e impulsionaram a cotonicultura na região como, por exemplo, o desenvolvimento e a validação de um sistema de produção de algodão colorido orgânico. Na safra de 2005, na Paraíba, a área plantada era de 4.600 ha (COSTA, 2007).

A produção agroecológica do algodão branco e colorido no assentamento Queimadas em Remígio – PB teve início em 2006 a partir da organização de dezoito famílias da comunidade que se organizaram para produzir e comercializar algodão agroecológico com certificação orgânica. Em 2007, o número de famílias aumentou de 18 para 50, vivendo da produção e comercialização

da matéria prima do setor têxtil, com manejo ecologicamente correto, atendendo às tendências e necessidades das contingências mundiais. Como elemento de sucesso do empreendimento agroecológico desenvolvido no assentamento, seus integrantes orgulham-se do processo antecipado de comercialização, pois toda produção é a priori negociada, parcialmente, com a empresa YD Confeções do Estado de São Paulo que, segundo os produtores paga um preço justo pelo algodão branco. Já o algodão colorido, é comercializado dentro do próprio Estado da Paraíba pela Coopnatural, empresa sediada no município de Campina Grande.

Em todo processo produtivo do algodão de sequeiro utiliza-se técnicas agroecológicas sem nenhuma dependência de insumos externos e, com isso, a produção tem certificação orgânica pelo IBD (Instituto Biodinâmico) e acompanhamento técnico de pesquisadores da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e das ONG's Associação de Apoio a Políticas de Melhoria de Qualidade de Vida (Arribação) e Associação a Serviços e Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA). Atualmente, a principal praga do algodoeiro é o bicudo (*Anthonomus grandis* B.), que pode causar grandes danos econômicos aos pequenos produtores. Entretanto, para evitar maior estrago à cultura, o plantio do algodão é realizado quando a época das chuvas já está terminando nesta região (final de maio, início de junho). Essa técnica é utilizada para que a fase de produção do algodão se dê no período seco já que neste período o bicudo não sobrevive ao calor da região semi-árida (WANDERLEY JÚNIOR et al., [2007]).

O manejo da área para o plantio é feito com base nos princípios agroecológicos. Envolve todos os tratamentos culturais no preparo da área feito com tração animal, capinas manuais e controle de pragas com uso de iscas e/ou produtos naturais. Fechando o ciclo do manejo ecologicamente correto, a colheita é realizada de forma totalmente manual. No Assentamento Queimadas foi desenvolvido o projeto “escola participativa do algodão”, que tem como metodologia a Escola de Campo Participativa (Farmer Field School, FAO). As atividades desenvolvidas na comunidade são assistidas por alguns pesquisadores das entidades citadas anteriormente. Para conviver com as pragas do algodoeiro de sequeiro, os agricultores utilizam práticas agroecológicas no cultivo da cultura, tais como:

I. Espaçamento: o espaçamento mais utilizado pelos agricultores dessa localidade é 1,10x0,40 m. Com esse espaçamento, no período de produção o sol penetra com mais força no roçado e a alta temperatura não deixa o bicudo se multiplicar.

II. Catação dos botões: a catação é uma prática utilizada pelos agricultores familiares do Curimataú paraibano. Caso essa queda das maçãs seja pelo ataque do bicudo, a catação faz com que o bicudo não se reproduza e ataque o algodão.

III. Controle de formigas: a formiga, no início do desenvolvimento das culturas, é a principal praga que pode causar prejuízos aos roçados. O controle é feito através de:

a) Utilização de Nim (*Azadirachta indica*): o nim é utilizado pelos agricultores para controlar as formigas. As folhas da planta do nim são colocadas em cima do formigueiro fazendo com que as formigas se alimentem delas e assim vão morrendo.

b) Utilização de Maniçoba (*Manihot utilissima*): o uso de folhas da maniçoba também é outra prática bastante usada pelos agricultores (as) para controlar as formigas. As folhas da planta da maniçoba são colocadas em cima do formigueiro servindo de alimento para as formigas. Enquanto, as formigas se alimentam da maniçoba, as culturas plantadas não são atacadas. A maniçoba é uma planta nativa e de fácil acesso.

c) Utilização de manipueira (*Manihot esculenta*): a manipueira é colocada dentro do formigueiro em quantidades que depende do tamanho do formigueiro (alguns levam até 4 litros). Depois de colocada dentro dos olheiros ativos tampam-se todas as bocas do formigueiro com terra e as formigas desaparecem. Os agricultores recomendam que as folhas sejam frescas, colhidas até dois dias antes de colocar no formigueiro para que o controle das formigas seja bem sucedido.

Isso posto, a partir das técnicas utilizadas, também, ecologicamente corretas, de prevenção à praga de bicudo, principal elemento redutor da produção e, conseqüentemente, da produtividade performática do agronegócio nos no ambiente da cadeia agroindustrial que opera o complexo do algodão de forma sustentável.

Conclusões

As perspectivas de comercialização em termos globais tendem para absorção, cada vez mais, de produção que seja reconhecidamente operada sob técnicas de manejo agroecológico que respeite/preserve a bio-diversidade do planeta. O assentamento analisado, de acordo com os técnicos da EMBRAPA, ONG's, e do IBD, traz consigo as características de um sistema agroindustrial sustentável e capaz de contribuir para o melhoramento da produção não-alimentar do sistema agroindustrial (SAI) brasileiro, servindo de modelo para os demais núcleos de inserção a terra, por gerar emprego e renda na comunidade de agricultores assentados.

Assim sendo, a principal contribuição deste documento investigatório ocorre por mostrar que comunidades de assentamento familiar são capazes de manter-se auto-sustentável sem a “permanente” contribuição do governo além de trabalhar conscientemente o novo modelo necessário e imprescindível à comercialização internacional de produtos agroindustriais.

Referências

ASSOCIAÇÃO A SERVIÇOS E PROJETOS EM AGRICULTURA ALTERNATIVA. *Declaração do I Congresso Cearense de Agroecologia [2008]*. Disponível em: < <http://www.aspta.org.br>>. Acesso em: 25 maio 2009.

COSTA, José Carlos Lélis. *Nordeste: algodão agroecológico na agricultura solidária [2007]*. Disponível em: <<http://blogdolatinha.blogspot.com/2007/08/nordeste-algodo-agroecologico-na.html>>. Acesso em: 02 jun. 2009.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Levantamento sistemático da produção agrícola. Rio de Janeiro, 1991/2006.

LIMA, Pedro Jorge B. F. Algodão agroecológico: uma experiência no semi-árido cearense. *Agriculturas*, v. 2, n. 3, out. 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

MILLEN, Leonardo. A força do algodão. *Revista BASF*, São Bernardo do Campo, SP, p. 08-09, 2004.

WANDERLEY JÚNIOR, José S. A. et al. *Escola do algodão: metodologia participativa de produção orgânica [2007]*. Disponível em: <<http://www.ecotece.org.br>>. Acesso em: 25 maio 2009.